

JORNADAS INTERNACIONAIS FICPM – ASSIS – 2-5 Maio 2013

MESA REDONDA – “O HORIZONTE”

O ACOMPANHAMENTO DOS FORMADORES NO SEU CAMINHO COM OS NOIVOS E COM OS CASAIS EM DIFICULDADE AS PERSPECTIVAS PASTORAIS

Conferencista: Mariella Piccione – Punto Familia – Turim - Itália

O HORIZONTE

Os aspectos pastorais da comunidade cristã no acompanhamento dos casais em dificuldade. Quais são a catequese e a metodologia mais convenientes?

1. O que gostaríamos de ver no horizonte da acção pastoral? Um conjunto de casais recuperados graças à nossa generosa disponibilidade a fim de os acompanhar e de os apoiar na dificuldade, graças à nossa ajuda eficaz e à oração? Bem gostaríamos! Mas não é assim que as coisas acontecem.

Antes de mais devemos aceitar o limite e o erro: ambos fazem parte da normalidade. Também nós, enquanto casal, somos abrangidos por estas características. Além disso, temos de ter em conta o facto de que nem todos são dotados para o casamento. Os problemas de saúde mental, que muitas vezes fazem da relação um verdadeiro inferno, são muito frequentes (aproximam-se dos 30% da população, mas trata-se de um dado subestimado).

Devemos também saber ler os sinais dos tempos. Sim, é verdade que os casamentos não perduram, as famílias desagregam-se e frequentemente estas situações arrastam outros males. Contudo devemos reconhecer que os desejos no que diz respeito a estas realidades são muito bons: desejo de autenticidade, de liberdade, de respeito pela própria dignidade e da dos filhos. Nem todos os casamentos que terminam são um mal. Alguns nunca deveriam ter sido celebrados; outros tornaram-se horríveis sepulcros de mortos vivos. Há famílias carregadas de angústia, fonte de depressão e de perversão, mesmo se exteriormente podem parecer famílias « normais ».

Portanto, por princípio, não é sensato propor salvar um casamento em crise a qualquer preço. Mas também não é sensato resignar-se a declarar a sua própria impotência à primeira.

2. Pelo contrário, devemos abrir-nos a uma pastoral de esperança, já a partir da catequese da infância, da iniciação.

Se dizemos « educação para a fé », sabemos do que falamos; pode-se dizer a mesma coisa se falamos de « educação para a caridade ». Mas a propósito da « educação para a esperança » temos ideias um pouco confusas: é qualquer coisa de vago e de intangível. É relegada para a pastoral da saúde e para a do trabalho. O Concílio Vaticano II ofereceu-nos « Gaudium et Spes » e o papa Bento XVI a encíclica « Spes salvi ». Mas a esperança pouco entrou na nossa catequese e em geral na nossa concepção do mundo. Contudo *sabemos que com aqueles que O amam, Deus colabora em tudo para o seu bem* (Rm 8,28). Em tudo: também quando há o mal, o limite, o erro, o pecado... Mas cremos verdadeiramente nisso? Isto deveria dar-nos uma grande confiança para ler os sinais dos tempos.

A partir desta situação de crise da família poderá nascer uma nova família, mais adulta e mais consciente, como da crise de vocações sacerdotais poderá nascer uma nova igreja, com um laicado mais maduro e responsável.

Mudanças de vida, não numa expectativa fatalista, mas levando a sério os dons do nosso baptismo.

3. Antes, durante e depois da crise do casal, o conflito inflama-se, um conflito que pode ser subterrâneo, silencioso ou proclamado, gritado. Não há uma grande diferença.

Na óptica de uma pastoral de esperança, deveria pôr-se em destaque a educação para a paz, quer dizer, para gerir o conflito, isto é, a educação para o perdão.

Este aspecto é insuficiente quer na educação religiosa quer na educação simples, incluindo a formação dos adultos. Não temos tempo para aprofundar aqui estes assuntos tão complexos, mas pode bastar uma ou outra reflexão.

O conflito conduz à crise como o sintoma leva à doença. Os dois termos não são sinónimos, nem permutáveis. Para guardar esta metáfora médica, nem um nem outro são sinais de um processo « mortal ». Mas é preciso tratá-los : o sintoma pode ser leve ou grave, a doença benigna ou maligna. Se negligenciarmos o sintoma, a doença pode tornar-se crónica, agravar-se e evoluir para um desfecho funesto. A resolução da doença está ligada à produção de anticorpos : o corpo fortalece-se e torna-se capaz de resistir a outras crises traiçoeiras sempre à espreita.

Deixando a metáfora, seria importante educar as crianças para enfrentar os perigos sem receio, mas aprendendo (leva a vida toda) a gerir as suas próprias emoções, a colocar-se no lugar do outro, com o fim de salvaguardar o melhor possível a relação, as relações. As crianças brigam com fúria, mas de seguida, rapidamente e sem grandes problemas, voltam a brincar juntas. As nossas exortações bruscas e superficiais (*Parem ! Não briguem !, Façam as pazes !*) são parcialmente ditadas por essa consciência. Mas desse modo as crianças não aprendem. Com efeito, nós adultos, não aprendemos !

Pode-se dizer o mesmo da educação para o perdão. Não se trata de um só acto de vontade, mas de um processo, e de um processo a dois, frequentemente longo e cheio de dificuldades e também de recuos, mas é possível (« *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz...* ».)

4. Durante estas Jornadas, fala-se de pastoral de acompanhamento. É uma bela expressão, sobretudo se diz respeito a toda a comunidade cristã e não somente aos pastores, como no passado (falava-se de direcção espiritual, mas é doravante uma noção obsoleta) : trata-se de uma expressão rica tendo uma força evocatória, que lembra a ideia de um caminho comum, de partilha, entre os irmãos, de uma situação de vida. Mas de que acompanhamento falamos ?

É preciso com certeza distinguir o acompanhamento dos especialistas e o dos amigos.

Nunca se pode acompanhar os irmãos se os julgarmos. O julgamento desnivela, afasta a proximidade. Não é verdadeiramente admissível porque só Deus conhece a intimidade dos corações.

Pelas mesmas razões, há outras atitudes incompatíveis com o acompanhamento, tais como: « *Vou salvar-te* », « *Sou eu que digo o que deves fazer / decidir* », ou ainda « *Eu digo-te em que é que não tens razão* » (com algumas excepções...) O papel de árbitro é imprudente, o de mediador é difícil.

Eis pelo contrário atitudes válidas por parte dos amigos : a proximidade silenciosa, a disponibilidade sobretudo para a escuta (tão preciosa !), reduzir às justas proporções (quando isso faz sentido), propor dirigir-se a especialistas.

A este propósito, a acção pastoral deveria estar preparada para organizar e valorizar meios de inspiração cristã, onde os especialistas dão ao mesmo tempo pareceres, fazem terapia e mediação familiar. Isto já existe, mas são frequentemente pouco valorizados – quando não abertamente olhados com desconfiança – porque se prefere os chamados « voluntários formados ».

5. Uma última nota sobre os voluntários formados, apoiada também por uma experiência de alguns anos na diocese de Turim.

Há sem dúvida exemplos muito válidos destas formas de acompanhamento (*Encontro Matrimonial, Retrouvailles*), mas por detrás delas há uma organização, uma estrutura, uma experiência consolidada no tempo.

Alguns encontros de formação não formam suficientemente mas podem ajudar a compreender melhor as situações, a ultrapassar a tentação traiçoeira de se sentir « apropriado », « melhor », a abandonar, pelo menos parcialmente, a óptica do julgamento. Se estas ideias pululam e circulam nos meios eclesiais, isso pode já representar uma séria vantagem.

Mas a boa vontade não basta, o espírito de cruzada é muito prejudicial. Não se trata de « salvar princípios », mas de se tornar próximo de pessoas em dificuldade – como poderia ser o nosso caso em qualquer momento da nossa vida de casal – conscientes de dever parar respeitosamente diante do mistério de cada um.

SÍNTESE

Tanto o conflito como a crise fazem parte da normalidade. A crise dos casais é um sinal dos tempos para olhar activando uma pastoral de esperança, baseada sobre a educação para a paz, para gerir os conflitos, para o perdão.

Acompanhar os irmãos nesta fase tão delicada é importante e útil, mas o espírito de cruzada é muito prejudicial e apenas a boa vontade não chega. É preciso distinguir a acção dos amigos e a dos especialistas, respeitando os diferentes papéis.